

Olá, galerinha... hoje faremos uma aula de leitura. Leiam esta história com muita atenção, pois vamos precisar dela em outro momento. **No caderno** você deverá escrever:

- **Título;**
- **Autor;**
- **Personagens.**

OS DEDOS DO SENHOR JULIO

Moacyr Scliar

Ontem, depois que eu recebi o prêmio da Academia de Medicina, você perguntou sobre as pessoas que tinham me influenciado nesta opção que fiz pela cirurgia. Aí eu mencionei o teu tio-avô, que era médico do interior e fazia de tudo, e falei de professores da Faculdade, enfim, respondi o que sempre respondo quando me fazem esta pergunta. Mas, devo dizer, não é a verdade, ou ao menos não é a verdade completa. Não é que eu esteja mentindo; eu não mentiria para ninguém, muito menos a você. Mas é que simplesmente deixei de lado algo que me marcou muito, uma coisa em que penso constantemente e sobre a qual gostaria de te falar agora. Inclusive, e principalmente, porque esse episódio ocorreu exatamente quando eu tinha a tua idade, treze anos.

*Nós morávamos, como você sabe, em Tinhorões, uma pequena cidade do interior. Próspera: várias fábricas, casas de comércio, bancos. De um deles o meu pai era gerente. Ganhava bem, e levávamos uma vida folgada. Morávamos numa boa casa, não nos faltava nada, e tanto eu como meus dois irmãos estudávamos no Independência, o melhor colégio da cidade, cujas vagas eram disputadíssimas: estudar no Independência dava *status*. Ali estudavam os filhos do prefeito, de empresários, de fazendeiros. Todos se conheciam, todos faziam questão de participar das festas do colégio.*

Foi, portanto, uma surpresa a chegada de um novo aluno, um rapaz chamado Alberto. A própria diretora veio apresentá-lo; disse que ele tinha vindo de outra cidade, que ainda não conhecia ninguém, e que esperava que o recebêssemos como a um amigo.

Aquilo era uma coisa que a dona Hortênsia não costumava fazer, mas, como depois constatamos, se justificava. Alberto era magrinho, encurvado -- e muito tímido. Como era tímido aquele rapaz. Mal falava; e quando o fazia, ficava tão vermelho, gaguejava tanto, que dava angústia olhá-lo. Depois de algumas tentativas bem-intencionadas de nos aproximarmos dele, acabamos desistindo. Nos intervalos, ele ficava sozinho, na aula ou no pátio; das brincadeiras não participava. Assim, pouco sabíamos sobre ele. Beatriz, que conhecia a vida de todo o mundo -- seu apelido era "agente secreta" --, descobriu que o pai de Alberto se mudara recentemente para a cidade, depois de ter adquirido um apartamento num edifício de padrão razoável e uma loja, não muito grande, mas bem instalada, na rua principal. Aparentemente Alberto não tinha mãe nem irmãos; nem mesmo parentes, próximos ou distantes. Só aquele pai, que não tardamos a conhecer: vinha quase todos os dias buscar o filho. Os dois eram, aliás, muito parecidos. O senhor Júlio era também de baixa estatura e magro. Contudo, parecia mais expansivo que Alberto. Cumprimentava os professores com um sorriso, fazia comentários sobre o tempo e depois entrava com o filho num velho automóvel, partindo em seguida.

A dupla logo se tornou assunto preferido nas reuniões dos pais. Vários deles se dirigiram à dona Hortênsia querendo saber quem era, afinal, aquele senhor Júlio. A diretora não gostava de ser interpelada; limitou-se a dizer que Alberto mostrara bom desempenho nos testes e que, sendo órfão de mãe e filho único, merecera dela uma atenção especial. Nisto ela estava amparada pelo regimento da

escola, que lhe conferia poderes para decidir sobre matrículas nos casos chamados especiais.

Nem todos aceitaram a explicação. Muitos até ficaram aborrecidos com a diretora; achavam que ela estava colocando em risco a reputação do Independência, aceitando como aluno o filho de um homem do qual não se sabia quase nada. O senhor Coimbra, dono de uma revenda de automóveis e amigo de meu pai, mostrava-se particularmente indignado -- em parte talvez porque o senhor Júlio se recusara a adquirir um automóvel dele, o que, segundo Coimbra, era obrigação de qualquer pessoa que se prezasse -- e intrigado:

-- Eu conheço esse homem, César. Tenho certeza de que já o vi em algum lugar. Ou já ouvi falar dele. De todo o modo, algo não me cheira bem, e vou descobrir o que é.

Deixa disso, Coimbra, dizia meu pai, o homem recém chegou à cidade e você vai arranjar problemas para ele.

-- Além disso não é justo para o garoto, que já tem dificuldades de relacionamento.

Meu pai era um homem tolerante, boa-praça. Além disso, ele conhecia o senhor Júlio -- que abria uma conta no banco -- e não via nada demais no homenzinho. Quietos, sim, mas ser quietos não é crime.

Contudo, o senhor Coimbra não desistiria tão facilmente; quando mais não fosse para honrar a fama de dedo-duro que ele tinha na cidade -- no golpe de 1964 denunciara vários à polícia -- e da qual não apenas não se envergonhava, como até se orgulhava:

-- Quando entro na vida de um sujeito, vou até o fim. E descubro tudo o que quero descobrir.

Para as suas investigações, o senhor Coimbra contava com a ajuda de alguns prestimosos colaboradores: um advogado aposentado, um jornalista do *Notícias*, o único jornal da cidade, e um escrivão da polícia. A eles deu, segundo ficamos sabendo depois, a incumbência de descobrir quem era, afinal, aquele senhor Júlio e pediu-lhes que agissem com a diligência de sempre.

Uma noite -- já eram dez e tanto, e chovia -- a campainha de nossa casa soou com insistência. Minha mãe ergueu os olhos do crochê, alarmada:

-- Quem será?

Meu pai levantou-se da poltrona onde dormitava e foi abrir. Era o senhor Coimbra. Estava encharcado -- mas radiante:

-- Descobri, César! Finalmente, descobri!

Meu pai não estava entendendo nada, mas fez o homem entrar e sentar. O senhor Coimbra mal conseguia conter a excitação:

-- Eu não disse que descobriria quem é aquele homem, César? Pois, descobri!

-- Qual homem? -- Meu pai, com a testa franzida.

-- O homem! Aquele tal Júlio! Olhe aqui.

Tirou do bolso um recorte de jornal e entregou-o a meu pai. Era sem dúvida de um jornal antigo, pois o papel estava até amarelado. Fora recortado da página policial -- a manchete era: "Famoso ladrão finalmente é capturado" -- e estava ilustrado com uma foto.

-- Não reconhece esse homem?

Meu pai foi buscar os óculos, examinou a foto atentamente, e acabou confessando: não, não sabia de quem se tratava.

-- Quem é?

O senhor Coimbra fez uma pausa -- para aumentar o suspense -- e anunciou, deliciado:

-- É ele, César. O tal de Júlio. Esse ladrão aí é ele.

-- Impossível -- murmurou meu pai, incrédulo. E tinha boas razões para duvidar: o homem da foto não se parecia com Júlio.

-- Não parece? -- O senhor Coimbra, sorrindo sempre.

-- Então você desenha aí um bigode, como o que ele usa agora, e uns óculos, e você vai ver que é ele mesmo. Não tem erro, César, o pessoal da polícia que o conheceu me garantiu: o senhor Júlio que você conhece como um lojista respeitável e o famoso "Mão de Seda" -- o ladrão que era capaz de abrir qualquer cofre ou caixa-forte em menos de dez minutos -- são a mesma pessoa.

Meu pai ainda não se recuperara da surpresa. Mas -- e evidentemente irritado pelo ar triunfante do

outro -- optou por sorrir, forçado.

-- Bem, mas isto não quer dizer nada. Leio aqui que esse "Mão"..., o senhor Júlio, foi condenado a cinco anos de prisão. O jornal é de dez anos atrás. Portanto, ele já deve ter cumprido a pena. Já acertou as contas com a Justiça.

-- Será? Aqui diz que o dinheiro roubado ao banco não foi recuperado. Será que esse homem está quite com a lei? De onde é que saiu a grana para a loja, para o apartamento -- e para o colégio, César? Não é um colégio barato, esse em que os nossos filhos estudam. Você sabe disso, César. Como é que esse homem paga as mensalidades, sem atrasar uma só, segundo estou informado? Não, César, aí tem coisa. E nós temos de adotar providências.

Não gostei nada do seu tom de voz. Havia uma ameaça, ali, dirigida não só ao senhor Júlio, como ao pobre Alberto. De imediato decidi: se houvesse confusão, estaria do lado deles. Eu não me considerava particular amigo de Alberto -- ninguém o era --, mas aquilo que o senhor Coimbra estava aprontando me parecia uma indignidade, uma sujeira.

-- Ele vai em frente -- suspirou meu pai, que conhecia bem o senhor Coimbra.

Não deu outra: já no dia seguinte, estava todo mundo alvoroçado com a notícia que o senhor Coimbra, ajudado pelo porteiro da escola (ex-funcionário de sua empresa), tinha se encarregado de espalhar. "Você sabe do pai do Alberto? Ele..." "Não diga!" "Pois é."

Por incrível que possa parecer, o único que não se dava conta do que estava acontecendo era Alberto. Continuava com o mesmo olhar triste, distraído de sempre. E para cúmulo da desgraça, tínhamos de trabalhar, em aula, um texto chamado "Os ladrões de sonhos". Os risinhos e os cochichos se sucediam, todo mundo voltando-se para trás, para o pobre Alberto que, cabeça inclinada sobre o caderno, escrevia afanosamente, alheio ao que se passava ao redor. A cena me comoveu e até mesmo me revoltou -- o que eu podia, porém, fazer? Levantar-me, gritando: vamos parar com isto, não é justo o que vocês estão fazendo?

E, contudo, o pior ainda estava por vir. Uma noite meu pai foi chamado ao colégio, para uma reunião rotulada como urgente. Voltou tarde da noite, visivelmente aborrecido. Eu esperava por ele:

-- Você, ainda acordado? -- perguntou, num tom azedo que nele não era habitual. -- Por que não foi dormir? Amanhã você tem colégio.

Olhou-me, suspirou:

-- Está bem, você quer saber o que está se passando.

Pois, o que está se passando é o seguinte: querem mandar embora o teu colega Alberto, sabe? Ou melhor: o Coimbra quer mandá-lo embora.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

-- O Alberto? Mandar embora o Alberto? Mas a troco de quê?

-- O Coimbra descobriu que o seu Júlio continua sob investigação, por causa do roubo do banco.

Segundo a Hortênsia, o Júlio se emendou, deixou para trás o passado. Mas o Coimbra insiste, diz que a presença do garoto perturba o ambiente escolar. E mais: que o colégio não pode receber mensalidades de quem talvez esteja pagando com dinheiro roubado.

-- E você acredita nisso?

Ele sacudiu a cabeça, tristemente.

-- Não. Mas há quem acredite, duas ou três pessoas. Muito influentes, infelizmente. O presidente da sociedade mantenedora... O presidente do Conselho de Pais... Está feia a situação.

Ficou um instante em silêncio, o olhar parado.

-- E -- eu, cada vez mais angustiado -- o que é que vão fazer? Já decidiram?

Ele deu de ombros.

-- Nada. Por enquanto, nada. Conseguimos adiar qualquer decisão. Eles ficaram furiosos conosco, o Coimbra e seus amigos. Comigo, especialmente: o Coimbra chegou a dizer que ia tirar o dinheiro do banco, uma espécie de protesto contra mim. E ele é um grande depositante. Mas a mim pouco importa; que faça o que quiser. Só não sei se conseguiremos aguentar a pressão por muito tempo.

Eu ainda queria dizer algo, mas não podia: tinha um nó na garganta. Tudo o que consegui fazer foi abraçá-lo. E ali ficamos, no silêncio só quebrado pelo tique-taque do velho relógio de pêndulo que

pertencera a meu bisavô.

-- Está bem -- disse ele, por fim. -- Vai dormir.

As notícias se espalhavam depressa, em nossa pequena cidade. Quando cheguei ao colégio, na manhã seguinte, todo mundo já sabia da reunião.

Mas o clima agora era diferente: de apreensão, de revolta mesmo. Ninguém falava no assunto, não ser de forma reticente, mas sentia-se no ar a tensão. Como é que Alberto vai reagir a isso, eu me perguntava, torcendo para que ele, mais uma vez, não percebesse o que estava acontecendo.

Mas a explosão veio de repente, e de forma brutal.

Foi na aula de História. A professora tinha pedido a Alberto que falasse sobre os costumes da Idade Média.

Ele se pôs de pé. Tinha a fisionomia transtornada. Tentou falar; fez um enorme esforço para isso; mas não conseguiu. De súbito, rompeu em prantos e saiu correndo da aula.

Tão perturbada ficou a professora, que suspendeu a aula: não tenho mais condições de continuar, disse, em voz embargada.

Tão logo ela saiu, o Rodrigo, que era do diretório estudantil, se levantou. Estava indignado:

-- Gente, nós temos que acabar com isto. Vamos fazer uma reunião agora mesmo e combinar um plano de ação.

Todos concordaram. Discutimos, discutimos, mas não chegamos a um acordo. A verdade é que não sabíamos o que fazer, e temíamos o pior.

Temíamos, por exemplo, que Alberto não voltasse mais ao colégio. O que seria uma derrota, para ele próprio e para todos nós. Era injusto o que o Coimbra queria fazer, injusto e absurdo; não podíamos aceitar que ele se sentisse vencedor. E vencedor ele se sentia: continuava mandando cartas e telegramas para várias pessoas importantes, em busca de provas -- e de apoio -- para sua acusação contra o Júlio.

Um dia o Alberto veio me procurar em casa.

Por que o fez, não sei. Acho que, como todo oprimido, todo perseguido, aprendera a identificar, por imperceptíveis sinais, possíveis aliados, ou amigos, ou protetores. Mas na verdade ele não estava buscando proteção ou auxílio; queria simplesmente falar. E falou muito, nós dois sentados no pátio da casa, enquanto a tarde caía e as sombras da noite começavam a se adensar. Falou de sua infância; falou da mãe, que perdera muito cedo; falou dos avós, que o haviam criado, enquanto o pai estava na cadeia. Falou na luta de Júlio para recuperar o filho, falou na amizade entre os dois:

-- Eu sei que para vocês ele é um ladrão, um homem que esteve preso. Para mim, Rui, nada disso importa. Tudo o que sei é que ele é meu pai, e que eu gosto dele da maneira que é. E é um bom homem, Rui, posso te garantir. Um homem que me trata com carinho, um homem alegre, divertido. Você precisava ver as mágicas que ele faz. Ele pega uma moeda -- uma? Duas, três moedas -- e simplesmente faz com que elas desapareçam entre os dedos.

Um pensamento diabólico atravessou a minha cabeça: claro, fazer dinheiro sumir é a especialidade dele. Mas me envergonhei daquilo, me envergonhei mortalmente; cheguei a ficar embaraçado. Ele notou:

-- Desculpe, Rui, eu sei que estou incomodando com esta história toda, mas você vê, eu precisava...

Não aguentou mais: começou a chorar. convulsivamente, os soluços lhe sacudindo o corpo magro. Consolei-o como pude, disse que eu e meu pai faríamos tudo para ajudá-lo, que as coisas terminariam bem.

No que eu, na verdade, não acreditava. Ao contrário, achava que o desfecho seria o pior possível para Alberto (e para nós). Mas então o acaso interveio. No momento exato.

Naquela época, estava sendo inaugurado o novo laboratório da escola. Funcionava numa sala adaptada especialmente para este fim. Estávamos todos excitados, e orgulhosos, com os vários aparelhos e com o equipamento adquirido mediante subscrição entre os pais (a contribuição do senhor Coimbra fora particularmente generosa) e que nos permitiriam, segundo os entusiasmados professores,

realizar várias experiências físicas e químicas. O que não podíamos imaginar é que aquele laboratório seria o cenário de uma das cenas mais espantosas acontecidas na escola -- e que acabou repercutindo em todos nós.

Seriam onze e meia, e as aulas estavam para terminar. No laboratório, um grupo de alunos tinha encerrado seu trabalho e guardava o material, quando de súbito uma menina gritou:

-- Gás! Estou sentindo cheiro de gás!

Era gás mesmo: uma mangueira acabara de romper, e ali saía, com um sinistro sibilo, o gás. O professor de química tentou fechar a válvula; não conseguiu e, apavorado com o risco de explosão, perdeu a calma:

-- Para fora, gente! Rápido, para fora!

Todo mundo correu, e a maioria saiu, mas então aconteceu o que podia ser o prenúncio de uma tragédia: a porta se fechou, e três meninas ficaram dentro do laboratório.

A chave estava do lado de dentro, mas era uma fechadura especial, de segurança, as garotas não conseguiam abri-la também por causa da segurança, a porta era de ferro, as janelas gradeadas -- não havia como tirá-las dali. O corredor virou um pandemônio, com alunos e professores chorando e gritando, chamem a polícia, chamem os bombeiros -- um terror.

Atraídos pelos gritos, muitos pais -- que estavam esperando os filhos à saída -- entraram na escola. E entre eles estava o magrinho, encurvado senhor Júlio. Quando soube do que estava se passando, abriu caminho: deixem passar, gente, eu resolvo este assunto.

Chegou junto à porta, abaixou-se, estudou por uns segundos a fechadura. Aí sorriu (coisa estranha, eu nunca tinha visto o homem sorrir). Levantou-se, olhou ao redor, dirigiu-se para a diretora, apontou para um broche que ela usava:

-- Emprresta-me um instante o broche, Hortênsia.

Hortênsia? Nunca ninguém tinha falado com a severa diretora com aquela familiaridade. Depois descobriríamos que eles tinham sido namorados, muitos anos antes; à época em que Júlio Toledo deixara um bom emprego movido por aquilo que outros chamariam de irresistível vocação -- no caso, para abrir fechaduras alheias.

Desta vocação, tínhamos uma prova. Pegando o broche, Júlio introduziu o alfinete deste na fechadura. Fez-se um tenso silêncio, mal rompido pelos soluços e gemidos das meninas lá dentro. E aí ele pôs-se a trabalhar. De onde eu estava podia vê-lo bem. Fascinavam-me, sobretudo, seus dedos. Dedos longos, de artista. Moviam-se com delicadeza e precisão. Eu sentia que aqueles dedos não estavam apenas realizando uma tarefa. Estavam *falando*. Falando, sim, com a fechadura; interrogando-a, procurando descobrir, de forma sutil e astuta, os seus segredos. A nossa atitude ali, a atitude de todos, professores, alunos, pais, era de respeito, de reverência, até. Vi Alberto; como todos, olhava para o pai; e estava feliz. Feliz como talvez nunca estivera antes.

Um estalido, e a porta se abriu. As garotas saíram correndo lá de dentro, um dos serventes entrou e fechou a válvula. O perigo tendo passado, todos riam à toa, comentando o susto. Não é preciso dizer que daí em diante ninguém mais falou do passado do senhor Júlio. E o Alberto mudou. Tornou-se mais falador, brincava com todo mundo e até colava nas provas. O colégio tinha voltado ao normal.

Terminei o segundo grau, fiz o vestibular, entrei na Faculdade de Medicina, formei-me. Muitas vezes, durante as aulas de cirurgia, eu pensava nos dedos do senhor Júlio. O que eu desejava é que meus dedos se tornassem tão sábios como os dele. Que fossem capazes de dialogar com a intimidade do corpo da mesma forma com que os dedos do senhor Júlio haviam dialogado com a fechadura da porta do laboratório. Era um esforço que valia a pena empreender. Se não para me tornar melhor cirurgião, pelo menos para melhorar como ser humano.

Acho que o consegui. Pelo menos hoje me sinto digno de tua admiração. Mais importante, hoje me sinto digno de tuas perguntas. O que, para um pai, não é pouco.

Bom trabalho a todos... saudades!